



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia e Ciência Política



PROCESSO DE PROMOÇÃO FUNCIONAL - PROFESSOR TITULAR

JOSE PEDRO SIMOES NETO

SIAPE 1240891

2020

A vida é um mar sem fim...

Àqueles que não desistiram no caminho.

Aos que me apoiaram, ainda que eu tenha demonstrado fraqueza e insegurança.

À minha família!

Até aqui nos ajudou o Senhor (1 Samuel 7: 12)

Sumário

Apresentação	1
Agradecimentos	4
Memorial	5
1. Palavras Prévias	5
1.1. A Passagem pelo Serviço Social	6
2. Primeiras Atividades Docentes - 1997 a 2005	11
3. Para uma Sociologia da Ação Assistencial - 2005 a 2011	18
3.1. Atuando para Fora	24
4. Novos Ares, Velhos Dilemas	30
5. A Sociologia e os dilemas - e agora José?	35
6. Considerações	46

APRESENTAÇÃO

Em consonância com a Resolução Normativa Nº 40/CUN/2014, de 27 de maio de 2014, que fixa os requisitos de ascensão à classe de Professor Titular de Carreira da Universidade Federal de Santa Catarina, apresento, aqui, o Memorial da Avaliação de Desempenho (MAD) que consiste, de acordo com esta Resolução, em “um documento de caráter descritivo, analítico, quantitativo e qualitativo, que destaque fatos marcantes e méritos acadêmicos da trajetória do docente” (p. 02).

Ainda, conforme definido no § 2º da referida Resolução, o Memorial “deverá ser estruturado de acordo com a sequência de itens que constam do art. 5º da Portaria nº 982/MEC/2013, devidamente comprovados” (p. 02).

O art. 5º da Portaria nº 982 estabelece as seguintes atividades para a avaliação da progressão à classe de Professor Titular da Carreira do Magistério Superior:

- I – atividades de ensino e orientação, nos níveis de graduação e/ou mestrado e/ou doutorado e/ou pós-doutorado, respeitado o disposto no art. 57 da Lei nº 9.394, de 1996;
- II – atividades de produção intelectual, demonstradas pela publicação de artigos em periódicos e/ou publicação de livros/capítulos de livros e/ou publicação de trabalhos em anais de eventos e/ou de registros de patentes/software e semelhantes; e/ou produção artística, demonstrada também publicamente por meios típicos e característicos das áreas de cinema, música, dança, artes plásticas, fotografia e afins.
- III – atividades de extensão, demonstradas pela participação e organização de eventos e cursos, pelo envolvimento em formulação de políticas públicas, por iniciativas promotoras de inclusão social ou pela divulgação do conhecimento, dentre outras atividades;
- IV – coordenação de projetos de pesquisa, ensino ou extensão e liderança de grupos de pesquisa;
- V – coordenação de cursos ou programas de graduação ou pós-graduação;
- VI – participação em bancas de concursos, de mestrado ou de doutorado;
- VII – organização e/ou participação em eventos de pesquisa, ensino ou extensão;
- VIII – apresentação, a convite, de palestras ou cursos em eventos acadêmicos;
- IX – recebimento de comendas e premiações advindas do exercício de atividades acadêmicas;

- X – participação em atividades editoriais e/ou de arbitragem de produção intelectual e/ou artística;
- XI – assessoria, consultoria ou participação em órgãos de fomento à pesquisa, ao ensino ou à extensão;
- XII – exercício de cargos na administração central e/ou colegiados centrais e/ou de chefia de Unidade ou do Campus/setores e/ou de representação; e
- XIII – atividades de cunho social e não previstas na extensão universitária como por exemplo: associações científicas, de classe, sindicais e outros (Art. 5º da Portaria nº 982, de 3 de outubro de 2013, do Ministério da Educação).

A apresentação das atividades seguirá uma ordem cronológica, desde antes do meu ingresso no Departamento de Métodos e Técnicas da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1997. Convém ressaltar, ainda, que embora este Memorial privilegie as atividades de ensino, pesquisa, extensão e administração, o mesmo não registra todas as minhas atividades realizadas durante esses 23 anos de trajetória como docente. Saliento, ainda, que anexe, neste documento, as comprovações referentes às atividades mencionadas no mesmo e de difícil comprovação, registrando que os documentos relativos ao conjunto das atividades desenvolvidas no período estão disponíveis, para consulta, nos processos de Progressão Funcional que foram apresentados, e aprovados, junto às instâncias competentes ao longo do tempo. Privilegiei a comprovação das atividades que faziam sentido dentro da linha argumentativa que tracei. Todos os documentos comprobatórios são sinalizados com um número, entre parênteses, que indica a sua posição entre os documentos anexados.

Este memorial está subdividido em 6 partes principais: 1. “palavras prévias”, onde introduzo, inicialmente, o leitor ao meu contexto familiar e, em seguida, na minha de formação acadêmica de base, anterior ao meu ingresso na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ESS/UFRJ) como docente; 2. “primeiras atividades docentes - 1997 à 2005”, cobrindo o período entre a minha admissão como docente e a minha formação em sociologia e em métodos quantitativos; 3. “para uma sociologia da ação assistencial - 2005 - 2011”, que descreve o momento em que permaneci como docente no curso de serviço social com uma identidade de sociólogo e não mais de assistente social; 4. a sessão “novos ares, velhos dilemas” apresenta o momento de transferência da ESS/UFRJ para o Departamento de Serviço

Social da Universidade Federal de Santa Catarina (DSS/UFSC), discutindo os impasses que esta transferência acarretou em minha trajetória profissional; 5. “a sociologia e os dilemas, e agora José?”, abordando minha ida para o Departamento de Sociologia Política da UFSC e os novos dilemas com que tive que enfrentar; por fim, algumas (6.) considerações finais.

Antes de iniciar este memorial, recorro a passagem de K. Marx:

“Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (K. Marx em O Dezoito Brumário).

Esta frase, em seu espírito, parafraseia bem este memorial. Minha trajetória acadêmica é uma resultante do que consegui fazer em meio às minhas limitações, escolhas e às circunstâncias e oportunidades que surgiram no caminho.

A felicidade não está somente no resultado desta trajetória, mas na alegria das conquistas, das amizades e das superações ao longo de todo o percurso transcorrido.

AGRADECIMENTOS

Antes de iniciar o Memorial propriamente dito, gostaria de agradecer a alguns docentes e colegas de trabalho que colaboraram e, mesmo, me ajudaram ao longo de minha vida profissional: da Escola de Serviço Social (UFRJ): aos professores: Yves do Amaral Lesbaupin, Miriam Lins de Barros, Marilda V. Yamamoto, José Paulo Netto, Cacilda Machado, Eduardo Mourão, Leilah Landim, Maria das Dores Campos Machado, Joana Garcia, Sara Granemann, Eduardo Mourão e Fátima Valéria; do Serviço Social em geral, às docentes Dayse de Paula da Silva e Luci Faria Pinheiro; do Iser: prof. Marcelo Camurça, prof. Leilah Landim, prof. Ignácio Cano, Marcelo de Souza, Fernanda de Souza, Pedro Penna, Sandra Vale e Pedro Strozemberg; do IPUB/UFRJ, aos professores Marcia Cristina Dourado e Antônio Egídio Nardi; do IUPERJ, aos docentes, Maria Alice Rezende de Carvalho, Nelson do Valle Silva, Luiz Werneck Vianna, Luis Antônio Machado, Adalberto Cardoso, Thamy Pogrebinski e Glaucio Soares; da Middlesex University, à profa. Wilma Mangabeira; do Departamento de Serviço Social (UFSC), aos docentes, Helder Boska, Teresa Kleba Lisboa e Rosana Martinelli - e ao prof. Armando Lisboa (Economia / UFSC); do Departamento de Sociologia Política (UFSC), aos professores, Tiago Losso, Marcelo Simões, Ligia Luchmann, Ernesto Seidl e Alexandre Bergamo; ao professor André Ricardo de Souza (UFSCAR); e a todos os técnicos e alunos com quem pude trabalhar.

Embora não diretamente relacionados aos meus trabalhos profissionais, muitos amigos e companheiros do movimento espírita me incentivaram, sustentaram e apoiaram ao longo de todos esses anos. Assim, desejo também agradecer ao Edivaldo Oliveira, Mário Santiago, Seu Nelson, Deuza Nogueira, Maurício Murici, Susana Carraro, Ligia Maccarini, Felipe Moritz, Rodrigo Bentes, e a tantos outros colegas de trabalhos do Lar de Teresa, do Boa Nova, do Leon Denis e do Luz e Caridade.

Aos meus amigos dessas e de outras paragens.

À Luciana e Maria Teresa por partilharem a vida comigo.

MEMORIAL

1. Palavras Prévias¹



Meu ingresso como docente, no Departamento de Métodos e Técnicas, na Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DMT-ESS/UFRJ), ocorreu em 1997. Para o melhor entendimento do significado desta inserção, farei uma breve digressão

sobre minha vinculação à universidade, nos anos imediatamente anteriores a esta.

Sou nascido no Rio de Janeiro e venho de uma família que se beneficiou do crescimento econômico dos anos 1970 para ascender socialmente. Meu pai é veterinário de formação, mas posteriormente dedicou-se ao comércio iniciado por meu avô; minha mãe foi professora primária e, após a separação conjugal, dedicou-se a trabalhos em Organizações Não Governamentais, aproveitando o apelo ao voluntariado do início dos anos 1990.

Venho de família religiosa, tanto da parte de minha mãe quanto de pai. Cresci frequentando Centros Espíritas, assistindo reuniões “doutrinárias”, tomando “passes” e participando de trabalhos assistenciais. Participei de “evangelização espírita” e a cultura religiosa fez parte de toda minha vida. Foi no bojo de minha militância religiosa que me defrontei com a necessidade de escolher uma “profissão”.

Vivi um impasse entre duas áreas: as “humanas” ou as “exatas”. Essa dúvida só foi sanada com a ajuda de um assistente social espírita, Mario

¹ Foto de Mário Barbosa disponível na internet.

Barbosa², que me incentivou a ingressar no curso de Serviço Social. Sem saber muito do que se tratava, aceitei sua indicação e em 1990 ingressei na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para realizar minha graduação.

A partir daqui, passo a mostrar a relevância da formação em Serviço Social na minha carreira.

1.1. A Passagem pelo Serviço Social



Logo que ingressei no curso de serviço social, percebi que estava em um ambiente pouco familiar. Além da maioria feminina (que desconhecia), a formação era fortemente influenciada pelo marxismo. Durante a graduação tive aulas com os principais docentes que constituíram essa vertente teórica na profissão, a saber: José Paulo Netto (que depois seria meu orientador de graduação e mestrado), Carlos Nelson Coutinho (no mestrado), Marilda Iamamoto, Nabuco Kameyama, entre outros.

Fui, assim, fortemente influenciado pelo marxismo que vinha se constituindo como uma teoria hegemônica na profissão de Serviço Social. Sua maior contribuição não estava na racionalização técnica do agir profissional, mas em sua politização, além da ênfase no método “materialista-histórico”. Aproveitei o que pude daquilo que a formação pode me proporcionar. Compreendi que, nesta perspectiva, mais que um técnico, o profissional da assistência social era um político. Além disso, estava clara a impossibilidade de uma neutralidade axiológica no campo interventivo.

Entretanto, havia uma nítida lacuna nessa formação: os marxistas eram bons nos argumentos, mas fracos na ação interventivo-institucional. Por isso, havia uma insistente indignação discente frente à constatação que “na prática a

² Mario Barbosa desenvolveu um importante trabalho de assistência social em Belém. Além disso, escreveu o livro “Planejamento e Serviço Social” (Cortez, 1980) que foi amplamente utilizado nos cursos de Serviço Social durante os anos oitenta.

teoria era outra”. Essa percepção era corroborada pela interpretação vigente que as instituições, campo de atuação profissional, eram “aparelhos ideológicos do Estado”, em uma concepção althusseriana, ou ainda, que o próprio Estado era tido como “comitê executivo” da classe dominante, conforme o Manifesto de K. Marx (Manifesto do Partido Comunista).

Portanto, minha formação de base foi mais político-ideológica-teórica do que prático-técnica. Se havia alguma interlocução entre os autores nativos e a intelectualidade das ciências sociais, essa se dava, principalmente, com os autores marxistas, como Michael Lôwy, Gabriel Cohn, Otavio Ianni, Florestan Fernandes, entre outros. Anos mais tarde Glaucio Soares escreveria: “para muitos observadores externos, o radicalismo político e ideológico é uma cortina de fumaça que não consegue ocultar alguns padrões repetitivos e nada inovadores da disciplina, nem a negligência metodológica de muitos de seus docentes” (p. 15)³.

O maior reflexo da ação política desta teoria na formação discente foi um descrédito que os alunos das universidades públicas tinham nos campos de estágio. O criticismo gerava uma contundente visão negativa das práticas institucionais, por um lado, mas, por outro, uma enorme incapacidade de proposição e de estabelecimento de novos projetos profissionais.

Desde o início da graduação participei de grupos de pesquisas na universidade. Em 1991, realizei trabalho de campo para a pesquisa “Natureza das Lutas das Associações de Moradores do Rio de Janeiro - Potencial Político”, coordenada pela profa. Maria Helena de Almeida Lima (01). No ano seguinte, integrei a pesquisa “Movimentos Sociais e Serviço Social no Rio de Janeiro” sob a orientação da profa. Gelba Cavalcante e supervisão do prof. Raul de Carvalho (02). Em 1992, realizei, como ouvinte, um curso de leitura sobre “Violência e Saúde”, coordenado pela profa. Maria Cecília de Souza Minayo, na Fundação Oswaldo Cruz (03).

Durante a graduação, além da passagem por várias pesquisas, em 1993, tive uma experiência de monitoria na disciplina Política Social II (04). Ao

³ Prefácio ao livro “Genero, Origem Social e Religião”, de minha autoria, editora E-papers, 2009.

término da graduação, em 1994, realizei uma monografia sobre “Desenvolvimento e Bem-Estar Social”, orientada pelo professor José Paulo Netto.

* * *

No início de 1995, ingressei no mestrado em Serviço Social na UFRJ, mesmo que sem saber exatamente qual rumo profissional seguiria. Não tinha certeza sobre seguir a carreira acadêmica e cheguei a diminuir o ritmo de minha formação na graduação para realizar um concurso para o Banco do Brasil. A opção pelo mestrado veio pela influência de alguns professores, e principalmente do meu orientador, que identificaram uma “vocação” acadêmica em mim.

Sempre gostei da passagem em que Weber, em *Ciência como Vocação*, afirma que a vocação acadêmica é muito mais que uma profissão, mas um estilo de vida. O fato é que, mesmo tendo trilhado um caminho mais teórico-ideológico do que técnico-prático, eu não conseguia identificar em mim o típico “estilo de vida intelectual”.

Após o ingresso no mestrado, segui dentro da academia e realizei algumas seleções para professor substituto, sendo aprovado para área de Planejamento e Projetos Sociais e Metodologia Aplicada (ESS/UFRJ), em 1995 (05); no mesmo ano fui aprovado e lecionei nas disciplinas de Desenvolvimento de Comunidade e Metodologia Aplicada, do Departamento de Métodos e Técnicas (ESS/UFRJ) (06); em 1996, foi aprovado na área de Fundamentos Históricos, Teóricos e Metodológicos do Serviço Social (ESS/UFRJ) (07). Além disso, ainda em 1996, participei do Programa Tutorial de Capacitação Didática, na disciplina Fundamentos do Serviço Social IV, ministrada pela profa. Nobuco Kameyama (08).

Além dessas experiências realizadas no interior da própria Escola de Serviço Social da UFRJ, onde me formara, ainda nesse período (1996-7), comecei a realizar pesquisas no Instituto de Pesquisas da Religião (Iser). Em 1996 colaborei com a pesquisa “Monitoramento da Aplicação do Estatuto da

Criança e do Adolescente: o papel dos Conselhos Tutelares”, coordenada pelo prof. Marcelo Ayres Camurça (09) e, em seguida, da pesquisa, sob a responsabilidade da profa. Leilah Landim, “Cadastro Atualizado das Entidades que prestam Assistência Social no Município do Rio de Janeiro” (10). Mesmo após o término das pesquisas acima referidas, também colaborei com a pesquisa sobre violência desenvolvida pelo pesquisador Ignácio Cano. Os seus resultados foram noticiados no jornal Folha de São Paulo, em maio de 1998 (11).

Toda essa experiência foi relevante, menos pelos resultados das pesquisas em si mesmos, mas para despertar em mim a necessidade de aprofundamento de técnicas de pesquisa. De fato, percebi que a graduação (e mesmo o mestrado) não havia me preparado para ser um pesquisador. Não sabia como construir um questionário, pensar uma amostra, não dominava técnicas de análise de dados, enfim, somente conhecia o debate sobre a “ontologia Lukacsiana”, e suas controvérsias epistemológicas, quando se tratava de método.

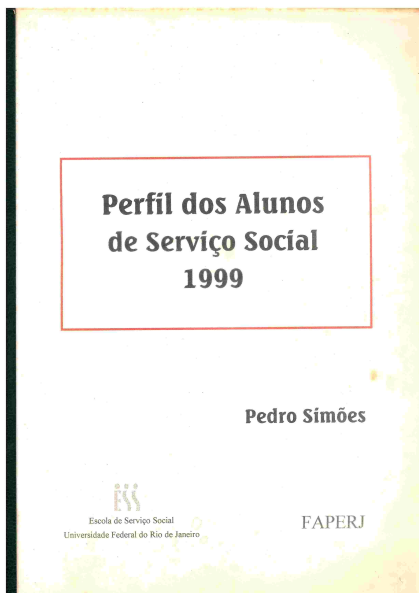
Minha dissertação de mestrado versou sobre o tema da religião (Serviço Social e *Ethos* Religioso, 1997). Decidi me dedicar a este tema devido aos vínculos familiares que tinha com a temática da religião. Por influência ainda do meu orientador à época, prof. José Paulo Netto, aprofundei-me nos escritos marxistas, embora tenha utilizado o livro de Michael Lôwy, “Redenção e Utopia”, para propor uma “afinidade eletiva” entre religião e serviço social. Nesse livro, o autor aproxima a interpretação marxista de uma leitura weberiana. Essa apropriação já era o início da minha saída do serviço social, como se verá mais a frente.

Próximo ao término do meu mestrado, em 1996, realizei alguns concursos para professor assistente (na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Federal de Juiz de Fora). No final de 1996 e início de 1997 o curso de serviço social da UFRJ estava em processo de expansão de suas atividades e ia iniciar o curso noturno. Com isso, houve a abertura de novas vagas para professores, pela necessidade de se ampliar o quadro docente. Foi nesta oportunidade que apressei o término da minha dissertação (que defendi

com ela estando incompleta) e realizei um dos concursos para o Departamento de Métodos e Técnicas. O concurso foi realizado em fevereiro de 1997 e em agosto do mesmo ano eu já iniciava meu vínculo como docente com a universidade. Com esse ingresso, iniciou-se um novo período de minhas atividades.

O que pude acumular durante minha formação de base foram, principalmente, as experiências relacionadas à pesquisa e à docência, incluindo monitoria, tutoria e professor substituto. Mesmo nas experiências de estágio que tive, foram poucas as chances de realizar “atendimentos sociais”. Tudo isso contribuiu para marcar uma trajetória acadêmica que se iniciou em 1997.

2. Primeiras Atividades Docentes - 1997 a 2005⁴



Iniciei minhas atividades docentes sentindo-me muito inseguro, tendo em vista a transição rápida que fiz da graduação para o mestrado, sem qualquer atuação profissional (salvo as experiências de estágio curricular obrigatório). Minhas experiências de monitoria e tutoria desenvolvidas durante a graduação e mestrado e de professor substituto foram importantes na minha formação. Ser docente, entretanto, como membro do corpo de professores da UFRJ, não era exatamente o mesmo. Salvo algumas dificuldades iniciais, passei a cumprir as tarefas

acadêmicas e administrativas sem maiores problemas, sendo aprovado no estágio probatório e nas demais progressões funcionais.

Este foi um período muito ativo, pois era incentivado pelos demais colegas a me engajar nas atividades, seja para que houvesse uma melhor integração institucional, seja para que o processo de minha “consolidação” como professor se efetivasse de forma mais rápida.

Minhas primeiras turmas foram em matérias como Desenvolvimento de Comunidade, pelo aproveitamento da experiência como professor substituto, Metodologia Aplicada (supervisão de alunos estagiários) e Pesquisa Social I. Administrativamente, integrei a Comissão de TCC (12), compus a comissão de consulta eleitoral para escolha da gestão 2002/2006 da ESS/UFRJ (13), fui substituto eventual da chefia do Departamento de Métodos e Técnicas - 1998; 2004-5 (14, 15) -, e participei de seis bancas para provisão de professor substituto entre 1998 e 2004 (16) (inclui somente o último comprovante).

⁴ A publicação “Perfil dos Alunos de Serviço Social 1999” foi o resultado da primeira pesquisa financiada pela FAPERJ que realizei. Posteriormente, os dados desta publicação seriam aproveitados para o livro “Gênero, Origem Social e Religião”, como se verá a seguir.

Em 1998-9, ainda como professor assistente, tive meu primeiro projeto de pesquisa aprovado na Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) (17). Tratava-se de um levantamento do perfil dos alunos de Serviço Social da cidade do Rio de Janeiro. Nessa experiência, elaborei um questionário e o apliquei a alunos dos cursos de serviço social - PUC-RJ, Veiga de Almeida, UFRJ e UERJ. Essa pesquisa resultou em um relatório e em um artigo. Mais tarde essa pesquisa seria retomada. Sua importância na época foi a de dar início a minha carreira de pesquisador, tendo a responsabilidade de coordenar o trabalho de campo (aprendido na experiência no ISER) e de elaborar um relatório próprio.

Nesse período, minha hipótese de trabalho era que, a despeito da ausência de referências explícitas da religião nos textos e documentos profissionais do serviço social, principalmente, a partir das publicações dos anos noventa, os assistentes sociais permaneciam religiosos, impregnando de valores e concepções religiosos as suas práticas. A primeira maneira de testar essa hipótese foi a de investigar a importância da religião para os discentes.

Essa hipótese foi fundamentada em uma pequena pesquisa anterior, realizada a partir dos trabalhos de conclusão de curso dos formandos. Em suas produções foram observados os agradecimentos e as dedicatórias. A partir de uma comparação com os alunos do curso de economia, observou-se que os discentes de serviço social utilizavam de mais referências diretas ou indiretas a elementos religiosos nestas duas partes do trabalho. Assim, foi possível inferir se a religião, para eles, era relevante em suas vidas. Esta conclusão foi obtida em bases totalmente impressionistas, já que, neste momento, ainda não dominava os testes estatísticos que possibilitariam chegar a conclusões seguras sobre as diferenças medidas.

Nesta época minha atuação docente era somente na graduação. O financiamento da FAPERJ me possibilitou o acesso a bolsistas de Iniciação Científica, além de alguns alunos em orientação de TCC. Além disso, me forneceu material para organizar um evento de divulgação dos resultados da pesquisa em 2000 (18); a publicar, no mesmo ano, meu primeiro artigo na Revista Praia Vermelha (revista do programa de pós-graduação em Serviço

Social da UFRJ) (19), enfatizando as mediações religiosas no serviço social; apresentar trabalhos em eventos nacionais da categoria como no Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, em 2000 (20), e no 9o. e 10o. Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, ocorridos em 1998 e 2001 (21; só inclui o comprovante do último evento); e o XVII Seminário Latino Americano de Escuelas de Trabajo Social, em 2001 (22), além da apresentação em eventos locais e regionais (várias versões da Jornada de Pesquisadores da UFRJ, em eventos promovidos pelo Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio em Serviços Sociais - CBCISS, em eventos organizados pelo Conselho Regional de Serviço Social - Cress, em encontros de pesquisa na PUC-Campinas, no Seminário de Pesquisa do Centro Universitário Augusto Motta, na PUC-RJ, entre outros).

Ainda no mesmo período, minha primeira participação em um evento internacional, fora da área do Serviço Social, ocorreu na apresentação de um trabalho na IX Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, em 1999 (23). Essa participação foi influência, principalmente, dos professores Marcelo Camurça e Maria das Dores Campos Machado. Ambos colaboraram muito com minha formação na área de “ciência da religião” e, ainda que indiretamente, contribuíram para que eu me aventurasse fora dos muros da profissão.

O empenho no estudo sobre religião também teve o seu reconhecimento no convite do Iser Assessoria para que fosse ministrado, sob minha responsabilidade, o módulo do Curso de Teologia do Instituto Teológico Franciscano, “Contribuições teóricas ao estudo das religiões: Karl Marx” (24). Esta participação foi uma indicação do professor Yves Lesbaupin (ESS/UFRJ). O professor Yves foi ex-padre que se apropriou das referências da Teologia da Libertação. Assim, em minha qualificação de mestrado, por exemplo, o tema central foi o debate sobre o lugar da religião no marxismo, tendo a posição do professor Yves, de um lado, e dos professores José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho do outro, estes últimos defendendo uma crítica marxista à religião.

Em 2000, ingressei no doutorado em Sociologia no IUPERJ (atual IESP-UERJ). Meu doutorado marcou uma virada em minha trajetória profissional. A opção de ingressar em um curso de Sociologia foi uma decorrência da baixa formação em Ciências Sociais que obtive na minha graduação. Como já tinha iniciado minha carreira docente, precisava ampliar minhas leituras e meu conhecimento dos autores rejeitados pelo serviço social. Além disso, tinha proximidade com os professores Jairo Nicolau e Celi Scalon que me incentivaram a ingressar no curso.

Assim, ainda em 1999, realizei um curso como ouvinte na disciplina de Teoria Sociológica, com a professora Maria Alice Rezende de Carvalho, estudando o pensamento de K. Marx e A. Tocqueville (25). Esse curso foi de extrema importância na minha formação. Ele foi uma oportunidade a mais de confirmar que, se o curso de serviço social havia ampliado meus horizontes, a formação fora da área me trazia um repertório teórico ainda mais amplo e os autores estudados eram abordados de forma não dogmática. Até então, não havia lido nenhum trabalho sobre Tocqueville e também não sabia de sua importância como teórico da democracia e da participação. A leitura que pude fazer das obras de K. Marx, igualmente, foram realizadas dentro de outro espectro teórico. Desse modo, após essa aproximação e com o aceite da Profa. Maria Alice em me orientar, iniciei minha formação em Sociologia.

Durante o curso não tive grandes dificuldades em concluir as disciplinas. De fato, esta experiência ampliou meu leque de leituras e de compreensão da realidade social. Tive a oportunidade de estudar com professores como Luiz Werneck Vianna, Luis Antonio Machado, Jessé de Souza, Nelson do Valle, Carlos Hasenbalg, Adalberto Cardoso, entre outros. Além disso, dei início aos meus estudos em Métodos Quantitativos - havia uma disciplina obrigatória, inexistente na formação em serviço social, mesmo na pós-graduação.

Minha tese tratou, uma vez mais, da relação entre religião e serviço social. Dessa vez, realizei uma análise comparativa entre o caso brasileiro e o inglês. Para o estudo do caso inglês, obtive uma bolsa sanduíche (Capes) na Middlesex University (UK), sob a orientação da Profa. Wilma Mangabeira (26). Nesse trabalho, me distanciei teoricamente da minha formação anterior.

Incorporei a discussão weberiana sobre modernidade e sua derivação para o caso brasileiro. Além disso, tomei conhecimento da literatura sobre religião e serviço social existente na Europa e Estados Unidos até então desconhecida no Brasil. Para tese, fiz ainda trabalho de campo com a realização de entrevistas no Brasil e na Inglaterra. O resultado desse esforço foi a construção da tese propriamente dita e, em seguida, a publicação de quatro artigos. Outro resultado foi a organização de um *meeting*, “Spirituality, Religion and Social Work”, no período sanduíche, reunindo alguns pesquisadores do tema da religião no Serviço Social na Inglaterra e Estados Unidos (27).

Durante minha formação, ampliei minhas participações em eventos, incluindo agora, congressos e seminários na área das Ciências Sociais, particularmente, da sociologia, como apresentação de trabalho no XII Congresso Nacional dos Sociólogos, em 2002 (28) e do XXVIII Encontro Anual da ANPOCS, em 2004 (29).



Concluí a tese em 2004, e ainda neste ano, a tese foi premiada como a segunda melhor tese defendida no ano no IUPERJ na área de sociologia (30). Com este prêmio o trabalho foi publicado, tornando-se meu primeiro livro, sob o título “Assistentes Sociais e Religião”, publicado pela editora Cortez em 2005⁵. Com esta publicação, passei a ser reconhecido pelos meus pares na UFRJ como “aquele que estuda religião”, embora meu foco na tese tenha sido mais fundamentado no ponto de vista do estudo da modernidade e das profissões do que a partir da

sociologia das religiões. Além disso, o distanciamento teórico-metodológico derivado de minha formação em Sociologia realizada no IUPERJ, me situou como “outsider” no campo institucional onde atuava.

⁵ Livro da foto: Assistentes Sociais e Religião. São Paulo: Cortez, 2005.

Outro ponto de clivagem foi a realização do curso de “Métodos Quantitativos” (MQ) na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH), em 2005, com bolsa da Fundação Ford (31). O curso foi de fundamental importância para que eu pudesse me consolidar no domínio das técnicas de Métodos Quantitativos. Embora já tivesse alguma noção de trabalhar com o software SPSS, derivado da experiência no Iser, foi no MQ que aprendi a base da estatística inferencial. No entanto, a formação em serviço social e os meus pares da área eram totalmente avessos ao quantitativismo. Os periódicos acadêmicos da área só publicavam ensaios teóricos ou análises conjunturais e da profissão baseados, principalmente, na observação assistemática e impressionista dos autores.

Tanto a defesa do doutorado, quanto a realização do curso MQ, após oito anos de atividades profissional, me garantiram uma inserção diferenciada como docente e pesquisador no curso de Serviço Social. Esta segunda fase de minha carreira será analisada a seguir.



Em paralelo a estas atividades, um grupo de pesquisadores de várias universidades e de áreas diversas do conhecimento se reuniram para estudarem e publicarem um livro sobre o contexto em que viveu Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec. Embora esse projeto não tenha tido passagem pela universidade, seu empreendimento teve um viés acadêmico, dado o enfoque dos textos e o perfil dos seus autores. Assim, este se constituiu o primeiro capítulo de livro com que pude colaborar. O projeto como um todo durou três anos e o livro “Em Torno de Rivail” foi publicado pela editora Lachâtre. Neste livro apresentei, junto com a Profa. Renata Feital, o capítulo “A ‘questão social’ e suas alternativas” para tratar da questão social na França do século XIX⁶.

Nesta primeira fase, orientei 8 trabalhos (2 monitoria, 2 iniciação científica e 4 TCCs), participei de 8 bancas (6 de professor substituto e 2 de TCC) e tive 8 publicações (1 livro, 1 capítulo de livro e 6 artigos).

⁶ Nunes, B. H. et. al. (orgs.) Em Torno de Rivail. São Paulo: Lachâtre, 2004. O livro foi republicado em segunda edição em 2015.

Artigos Publicados no Período

1. SIMÕES, Pedro. Valores Religiosos e Profissões. **Praia Vermelha** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 12, p. 148-175, 2005.
2. SIMÕES, Pedro. Religião: aqui, lá e acolá. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 78, p. 132-150, 2004.
3. SIMÕES, Pedro. Religião, Espiritualidade e Assistência Social. **BIB. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 56, p. 17-32, 2004.
4. SIMÕES, Pedro. Religião na Prática do Serviço Social. **Praia Vermelha** (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 10, p. 126-149, 2004.
5. SIMÕES, Pedro. Mediações Religiosas no Serviço Social. **Revista Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 30-53, 2000.
6. SIMÕES, Pedro. Resenha: Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política. **Revista Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 199-202, 1997.

3. Para uma Sociologia da Ação Assistencial - 2005 a 2011⁷



Nesta “nova fase”, algumas alterações foram realizadas no curso de minhas atividades. Primeiro, passei a ministrar as disciplinas de “Teoria Sociológica”, “Métodos de Pesquisa”, “Movimentos Sociais”, “Expressões da Questão Social”, “Questão de Gênero” no curso de serviço social, deixando de ministrar matérias específicas à profissão. Além disso, ingressei na pós-graduação como colaborador (32) em 2007, tendo a

oportunidade de ministrar a disciplina “Paradigmas de Análise das Políticas Sociais”. A partir de 2009, passei a colaborar com o Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Saúde Mental do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, ministrando a disciplina de Bioestatística (33).

Segundo, me descredenciei do Conselho Regional de Serviço Social (o que me habilitava a atuar como assistente social), pois considerava que minha formação havia sido, até então, mais teórica e que, por isso, não estava capacitado para orientar alunos em estágio.

Ainda em 2005 submeti um projeto de pesquisa para um programa da Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB) que incentivava a pesquisa entre jovens doutores. Esse programa era dirigido a todas as áreas de conhecimento da UFRJ e os pré-requisitos para participação eram a apresentação de um projeto de pesquisa e ser formado (doutorado) há menos de oito anos. Na oportunidade, meu trabalho versava sobre “Ação Assistencial” e buscava realizar uma “sociologia” da assistência, em contraposição a uma “política” da assistência (enfoque preponderante no curso de serviço social). Assim,

⁷ Livro da Foto: Gênero, Origem Social e Religião: os estudantes de Serviço Social do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FAPERJ; E-Papers, 2009.

buscava compreender a relação entre assistente-assistido, além de buscar saber quem eram os “assistentes” e os “assistidos”.

Fui, então, um entre os quinze escolhidos na edição de 2005 do Programa Antônio Luis Vianna de Apoio ao Docente Recém-Doutor (FUJB-UFRJ) (34). Este prêmio impulsionou a realização de uma segunda rodada de pesquisa sobre o perfil dos alunos de serviço social da cidade do Rio de Janeiro. O questionário utilizado na pesquisa anterior foi ligeiramente adaptado e o universo ampliado, sendo incluídos os cursos do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM) e Faculdade Castelo Branco.

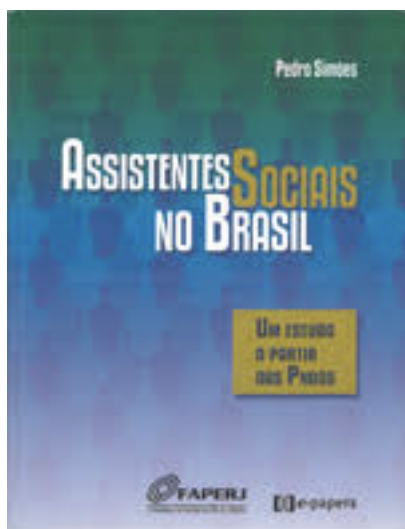
Para análise dos dados coletados foram utilizadas técnicas de estatística descritiva e inferencial, como testes de significância, correlações, análises fatoriais e regressões. O desconhecimento dessas técnicas por parte dos nativos do serviço social, incluindo os coordenadores dos cursos, fez com que esses resultados ficassem sem grande apreensão pela categoria.

Outrossim, os dados pesquisados revelaram questões que contrariavam o senso comum da formação. O enfoque principal foi baseado na comparação entre tipos de cursos: diurno x noturno; público x privado. Pode-se observar que cada tipo de curso atrai um tipo de aluno e que há uma disparidade (desigualdade) social interna muito grande no perfil discente. Para introduzir essa discussão foi abordado o tema: “porque discutir o perfil profissional?”. Nesta introdução foi esboçado a primeira versão de uma análise sobre as bases para ação assistencial. O conjunto desses resultados foi publicado no meu segundo livro: “Gênero, Origem Social e Religião: os estudantes de Serviço Social do Rio de Janeiro”. Para a publicação desse livro concorri a um edital da FAPERJ para apoio a editoração. Os originais foram aprovados e o livro foi publicado pela editora E-Papers em 2009.

Além de trazer um enfoque completamente novo sobre o perfil profissional (a pesquisa anterior sobre perfil profissional havia sido realizada em 1967), essa pesquisa também trouxe um outro elemento, a saber: a tentativa de construir uma série histórica com os dados do perfil discente. Uma terceira rodada não pode ser realizada por motivos que serão apresentados mais a frente.

Em 2007 os resultados das atividades realizadas a partir Programa Antônio Luis Vianna de Apoio ao Docente Recém-Doutor (FUJB-UFRJ) foram apresentados para concorrer ao Prêmio Antonio Luis Vianna de Apoio ao Docente Recém-Doutor. Neste último caso, dos quinze selecionados na primeira fase, três seriam contemplados com um novo prêmio pela boa utilização dos recursos. Novamente fui contemplado com o prêmio, o que me forneceu ânimo novo para novas pesquisas (35).

O recebimento do prêmio me possibilitou ser líder de um Grupo de Pesquisa registrado no CNPq e homologado pela UFRJ, independente, de minha participação na pós-graduação. Com os recursos obtidos nos dois prêmios, criei o “Laboratório de Dados Sociais” (36). Adotei um nome mais genérico pois objetivava que o mesmo não apenas produzisse suas próprias pesquisas, mas também que assessorasse outros grupos de pesquisa, particularmente, em Métodos Quantitativos. Ambos os objetivos foram alcançados como poderá ser observado mais a frente.



Concomitante a este trabalho, iniciei uma pesquisa sobre o perfil dos profissionais que atuam no serviço social, a partir dos dados das Pesquisas Nacionais de Amostras por Domicílios (PNADs). Escolhi alguns anos que considerei relevantes, retirei os dados (a partir dos microdados) específicos dos assistentes sociais e realizei as análises. Os anos selecionados foram: 1976, porque era a primeira PNAD disponível; 1988, ano da Constituição Federal e neste ano foram realizadas perguntas específicas sobre participação política e religião; 1996, por trazer dados de mobilidade social; e todos os anos de primeira década do século XXI. Como a PNAD de 2009 só foi disponibilizada pelo IBGE em finais de 2010, esse trabalho foi concluído no final de 2011. Esses dados geraram meu terceiro livro, denominado “Assistentes Sociais no Brasil”⁸, com apoio da

⁸ Referência completa do Livro: Assistentes Sociais no Brasil: um estudo a partir das PNADs. Rio de Janeiro: FAPERJ; E-Papers, 2012.

FAPERJ (edital público para publicações de 2012) e editoria da E-Papers. Vale ressaltar que a sua publicação ocorreu na transição deste período que estamos analisando das minhas atividades acadêmicas e o próximo. Assim, voltarei a ele mais a frente.

Dando continuidade aos estudo com alunos, o objetivo agora era identificar qual o perfil profissional e qual a relevância da religião para os assistentes sociais. Nesse sentido, perseguia-se a hipótese de que a ausência de referências religiosas na literatura profissional, marcadamente marxista, como se analisou linhas atrás, não significava uma irrelevância dos valores religiosos para os profissionais da assistência.

Se as PNADs selecionadas, a despeito de algumas diferenças metodológicas, puderam servir de base para estruturar o “perfil profissional”, a PNAD de 1988, junto aos dados dos Censos demográficos possibilitaram identificar, que no auge da influência marxista no serviço social e de politização dos setores de esquerda, os assistentes sociais tinham uma participação mais destacada em suas bases religiosas do que nos movimentos sociais e políticos.

Durante minha graduação, o texto de Jeaninne Verdes-Leroux, “Hábitus, Ethos e Formas de Atuação”, publicado em 1982, pela editora Cortez, era tido como a referência para se estudar o serviço social francês e a influência cristã nas origens da profissão neste país. O fato é que os dados encontrados entre os assistentes sociais brasileiros, muitos anos depois de a pesquisa de Leroux, eram muito semelhantes, o que, sugeria, ainda mais, não só a importância da religião na profissão, mas também sua continuidade no tempo. A pesquisa que realizei de doutorado já havia demonstrado que a mediação religiosa na profissão não era um “defeito” da formação brasileira, ou de “atraso” dos brasileiros, mas uma característica internacional.

Todas essas conclusões foram tidas pela academia, como algo indesejado e que, de algum modo, atingiam, nos fundamentos, um “projeto” de profissão que era capitaneado pelas principais agências formadoras e reguladoras da profissão, tendo como base pressupostos materialistas e marxistas.

Nesse sentido, embora este período tenha sido exitoso no campo da pesquisa, ele também foi um tempo de dificuldades institucionais. Afinal, todo o encaminhamento que dei à minha carreira após o meu doutoramento, me colocaram cada vez mais fora do âmbito de preocupações mais comuns da formação em Serviço Social (esse movimento havia começado na escolha teórica no mestrado e na opção do doutorado, como mostrado anteriormente). Desse modo, mesmo tendo meu trabalho avaliado e premiado externamente, ele não era valorizado internamente.

Um exemplo dessas “dificuldades institucionais” refere-se a minha inserção na pós-graduação. Mesmo com meu pedido aceito para ingresso no colegiado, não tive oportunidade de orientar um trabalho ou mesmo participar de bancas, visto que não era convidado pelos meus pares, tendo tido somente uma oportunidade de ministrar disciplinas (como já mencionado). Minhas preocupações de pesquisa e o enfoque que dava em minhas análises também não despertaram interesse dos alunos que recorriam ao curso buscando uma formação marxista. Desse modo, minha produção contribuiu para a avaliação do programa, sem que eu pudesse colaborar efetivamente com o mesmo e para formação de alunos.

Com isso, comecei a, cada vez mais, atuar mais para fora do que para dentro da ESS/UFRJ. Antes, porém, de passar para as atividades realizadas fora do âmbito da Escola de Serviço Social, é preciso ressaltar que não deixei, por isso, de colaborar institucionalmente. A partir de abril de 2005 passei a ocupar a função de Chefe de Departamento pelo período de dois anos (37), compus a comissão para eleição “dos professores assistentes no Conselho de Coordenação do CFCH” (38), atuei na Comissão de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) (39), participei de comissão interna para avaliação de pedidos de afastamento (40) e, no âmbito da pós-graduação, colaborei com a Comissão de Revalidação de Diploma (41).

Outra atividade que ocorreu em paralelo as acima citadas, foi a minha participação no Grupo de Pesquisa coordenado pela Profa. Maria das Dores Campos Machado, “Religião, Gênero, Ação Social e Política” (ESS/UFRJ), em 2007-8. Minha participação neste grupo foi uma decorrência tanto do meu



conhecimento em estatística quanto a minha identificação com o espiritismo, já que o foco do trabalho era a discussão da perspectiva das religiões sobre a homossexualidade. Esta não era uma interface que vinha estudando e minha contribuição foi mais pontual. O resultado desta pesquisa foi publicado no livro *Religiões e Homossexualidade*⁹, organizado por Maria das Dores Campos Machado e Fernanda D. Piccolo, onde contribuí em dois capítulos. Também ajudei a organizar o curso de capacitação de lideranças religiosas (42) e apresentei um trabalho no Seminário *Religião e Sexualidade na Contemporaneidade* (43) que foi base para divulgação dos resultados finais da pesquisa. .

Ante os impasses institucionais que vivenciava, passei a contribuir mais externamente ao curso. Esse é o ponto que será tratado no item seguinte.

⁹ Referência completa do livro da foto: Machado, M. D. C. e Piccolo, F. D. (Orgs). *Religiões e Homossexualidades*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. Neste livro publiquei os capítulos: 2. As Lideranças mediúnicas e o debate sobre as homossexualidades, em parceria com as docentes Maria das Dores Campos Machado, Fernanda D. Piccolo, Luciana P. Zucco e Andrea Moraes Alves; e 5. A temática da diversidade sexual no debate científico nacional, em parceria com as professoras Maria das Dores Campos Machado, Fernanda D. Piccolo e Luciana P. Zucco.

3.1. Atuando para Fora

A busca de “atuar para fora” não foi uma escolha deliberada, mas o aproveitamento de chances que apareceram em minha trajetória acadêmica. A primeira refere-se a utilização da formação em Métodos Quantitativos; a segunda, voltou-se para o aprofundamento da discussão sobre ação assistencial.

Durante o ano de 2006 realizei duas assessorias: uma para a empresa Central de Tratamento de Resíduos Alcantara, em que analisei uma pesquisa sobre catadores de lixo em Itaóca, distrito de São Gonçalo (RJ) (44). E a segunda foi uma capacitação dos técnicos da Companhia de Força e Luz Leopoldina na utilização do software Statistical Package for Social Science (SPSS) (45).

Também neste ano, realizei um novo curso de métodos estatísticos, dessa vez, específico sobre Análise de Regressão e Modelos Lineares no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro - IUPERJ (46).



No início de 2007 fui convidado pela professora Cacilda Machado participar de uma iniciativa de pesquisa, formulada pelo Núcleo de Estudos de População (NEPO) do Programa de Pós-Graduação em Demografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Tratava-se de analisar atas paroquiais de nascimento, batismo e morte dos setecentos e oitocentos. O resultado deste trabalho foi apresentado no Seminário: Atas paroquiais dos setecentos e oitocentos: linhas e entrelinhas (as

diferentes leituras), em 2007 (47). O resultado do seminário foi publicado no

livro “Linhas e Entrelinhas: as diferentes leituras das atas paroquiais dos setecentos e oitocentos”, em que tenho um capítulo¹⁰.

No que tange a ação assistencial, fui convidado, no final de 2008, a coordenar, no ISER, uma pesquisa sobre Assistência Religiosa em unidades do Sistema Socioeducativo do Estado do Rio de Janeiro (DEGASE - Departamento Geral de Ações Socioeducativa) (48). A pesquisa havia sido encomendada pela diretoria do Sistema (Sr. Eduardo Gameleiro, à época diretor do DEGASE) preocupada em saber como essa atividade se desenvolvia no interior das unidades do sistema.



A pesquisa teve duração de um ano e seus resultados foram: a produção de um vídeo, denominado “Mas Deus Te quer Sorrindo”, coordenado por Fernando Velasco e Pedro Lerner; a produção de uma exposição fotográfica, intitulada “Em Torno do Sagrado”, liderada pela fotógrafa Kita Pedrosa; a publicação do número 64 do periódico “Comunicações do Iser”, sob o título: “Pescadores de Homens: o perfil da assistência religiosa no sistema socioeducativo do Rio de Janeiro” (2010)¹¹. Todos esses produtos estiveram relacionados ao levantamento de dados resultante da pesquisa.

Embora esse trabalho se distinguisse significativamente dos demais que eu vinha realizando, ele tinha um elemento comum: tratava de um novo aspecto da ação assistencial. Neste caso, a ação não era de assistência social, mas de assistência religiosa. Ainda assim era uma forma de assistir, mas com outro objeto. Ter trabalhado essa temática foi extremamente importante para que eu pudesse compreender este tipo de ação a partir de um outro ponto de vista, com um olhar, ao mesmo tempo externo (porque não era assistência social) e interno (porque era uma ação de assistência). O recurso à legislação

¹⁰ A referência completa do livro: Bassanezi, M. Silvia C. Beozzo e Tarcísio R. Boteho (Orgs.). Linhas e Entrelinhas: as diferentes leituras das atas paroquiais dos setecentos e oitocentos. FAPEMIG; Veredas e Cenários, 2009. O capítulo que escrevi foi: O Lugar do Social, parte 1, pp. 85 a 110.

¹¹ A referência completa: Pescadores de Homens: o perfil da assistência religiosa no sistema socioeducativo do Rio de Janeiro. Comunicações do Iser. No. 64, ano 29, 2010.

vigente sobre esse tipo de prática, o perfil dos assistentes religiosos e dos adolescentes, a análise do discurso de ambos, enfim, todo o conjunto de dados contribuiu para a construção de um olhar mais aprofundado sobre o tema da ação assistencial.

Em 2008, supervisionei o trabalho do pesquisador Lucio Esposito, da University of East Anglia (UK) em seu trabalho de campo para sua tese de doutorado nos temas: bem-estar social, percepções da pobreza e as dinâmicas de comparações interpessoais (49).

Ainda sobre o aproveitamento do conhecimento estatístico, em 2009, fui convidado a ministrar o curso de Bioestatística no Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB/UFRJ), sob a coordenação do Professor Antônio Egídio Nardi. A disciplina era dirigida a alunos do mestrado e doutorado e ministrei-a durante dois semestres (ver anexo 33).

A partir dessa experiência passei a prestar assessoria estatística a alunos e grupos de pesquisa na área da Psiquiatria. A primeira experiência, nesse sentido, foi com a pesquisa de Renata Velozo, integrante do Núcleo de Políticas Públicas e Saúde Mental (NUPPSAM/IPUB/UFRJ) (50). Como consequência deste trabalho, pude publicar alguns textos ao colaborar na área de análise dos dados. As assessorias desenvolvidas centraram-se, basicamente, em dois grupos de pesquisa, o “Laboratório de Pesquisa em Consciência da Demência” (IPUB/UFRJ), liderado pela Professora Márcia Cristina Nascimento Dourado (foram muitos trabalhos assessorados, sendo alguns deles publicados, como pode-se constatar no currículo lattes) e o Laboratório de Pânico e Respiração (IPUB/UFRJ), sob responsabilidade do Prof. Antônio Egídio Nardi (uma das assessorias estatísticas foi para o trabalho de Anna Lucia S. King (51)).



Ao final de 2009, os resultados da pesquisa sobre socioeducação realizada no ISER foram apresentados a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). Em 2010, o ISER conseguiu um financiamento dessa Secretaria para tornar nacional a

pesquisa sobre assistência religiosa nas unidades do Sistema Socioeducativo (52). Durante o ano de 2010 uma equipe composta por cinco sub-coordenadores, por mim supervisionada, pesquisaram os seguintes estados do país: Profa. Claudia Costa - Amazonas; Prof. Emerson Giumbelli - Rio Grande do Sul; Profa. Sandra Amorim - Mato Grosso do Sul; Profa. Vera Leonelli - Bahia; e a pesquisadora Edileuza Lobo - os estados de Santa Catarina, São Paulo, Espírito Santo e Ceará).

Esta pesquisa apresentou dois produtos principais: a publicação de um livro denominado “Filhos de Deus: assistência religiosa no Sistema Socioeducativo” (2010), publicado pela própria Secretaria de Direitos Humanos em parceria com o ISER¹²; uma cartilha, que foi distribuída para todas as unidades pesquisadas em todos os Estados. A cartilha teve a mesmo mesmo título que a outra publicação e foi escrita em parceria com a Profa. Silvia Fernandes (UFRRJ).

A oportunidade de pesquisa foi importante no sentido de aprofundar, ainda mais, o sentido da ação assistencial, tendo como foco, neste caso, a assistência religiosa. A comparação entre estados possibilitou a observações de regularidades e distinções no atendimento religioso ao adolescente privado de liberdade no Brasil.

Este período foi também marcado pela participação em eventos do serviço social, nacionais e internacionais e das ciências sociais. Entre os mais relevantes, posso destacar, no serviço social, em 2008, a 32ª International Conference on Social Welfare em que atuei como “chair” em uma sessão de workshop (53) e a 19ª Conferência Mundial de Serviço Social (54); em 2009, a aula magna proferida na Universidade Veiga de Almeida, para apresentação do livro “Gênero, Origem Social e Religião” (55).

No âmbito das ciências sociais participei, em 2007, da 31ª Encontro Anual da ANPOCS (56); em 2008, do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 (57), do II Seminário Internacional: enfoques feministas e o século XXI (58); em 2009, da IV Semana Acadêmica de Ciências Sociais da UFPR (59); do curso

¹² A referência completa. Filhos de Deus: a assistência religiosa no sistema socioeducativo. Rio de Janeiro: Iser, 2010.

Metodologia e Projeto de Pesquisa promovido pelo Departamento Geral de Ações Socioeducativas (60); do 5º Seminário de Assistência Espírita ao Preso (61), do XIV Congresso Brasileiro de Sociologia (62); em 2010, do Fazendo Gênero 9 (63) e do I Simpósio: Religiões e Prisões, promovido pela Secretaria de Administração Penitenciária do governo do Estado do Rio de Janeiro (64).

Neste período, foram publicadas também duas reportagens de jornal reportando, na primeira, de 2007, publicada no Jornal do Brasil (do Rio de Janeiro), uma entrevista sobre a participação dos religiosos no Pan-Americano (65); e a segunda, de 2008, publicada no jornal Povo (do Rio de Janeiro) tratava sobre intolerância religiosa. Na primeira, estou retratado como “sociólogo”, professor da UFRJ (66); na segunda, como pesquisador do ISER.

Por fim, mas não menos importante, fui parecerista para as revistas Praia Vermelha (ESS/UFRJ) (67), Katalysis (DSS/UFSC) (68), ambas na área do serviço social, e da revista do CFCH/UFRJ (69).

Neste período, tive 13 orientações (3 de iniciação científica, 6 de TCC e 4 em estatística), participei de 21 bancas (1 professor substituto, 1 professor efetivo - professor assistente (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), 17 TCCs e 2 teses de doutorado) e 29 publicações (3 livros, 3 capítulos de livros, 12 artigos e 10 artigos em jornais e revistas).

O início de 2011 marca um novo momento em minha trajetória acadêmica, pois foi a partir deste ano que houve minha transferência para Santa Catarina.

Artigos Publicados no Período:

1. MACHADO, M. D. ; PICCOLO, F. ; ZUCCO, L. P. ; SIMÕES, Pedro . Homossexualidade e Igrejas Cristãs no Rio de Janeiro. **Revista de Estudos da Religião - REVER**, v. 1, p. 1, 2011.
2. PICCOLO, F. ; MACHADO, M. D. ; Zucco, L. P. ; SIMÕES, Pedro . A Produção Acadêmica Sobre Diversidade Sexual. **Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 9, p. 65-81, 2011.
3. SIMÕES, Pedro; ZUCCO, L. P. . Homens no Serviço Social. **Libertas** (UFJF. Online), v. 4, p. 25-41, 2010.

4. ZUCCO, L. P. ; SIMÕES, Pedro . Homens no Serviço Social. **Libertas** (Juiz de Fora. Impresso), v. 10, p. 33-48, 2010.
5. SIMÕES, Pedro; Zucco, L. P. ; Machado, M. D. ; Piccolo, F. . As Representações da Diversidade Sexual no Campo Religioso. **Serviço Social & Realidade**, v. 18, p. 247-296, 2009.
6. SIMÕES, Pedro. Porque estudar o Perfil Profissional. **Serviço Social & Realidade**, v. 17, p. 47-64, 2008.
7. SIMÕES, Pedro. Assistentes sociais e mercado de trabalho nos anos 1970. **Praia Vermelha** (UFRJ), v. 18, p. 178-198, 2008.
8. SIMÕES, Pedro. Diversidade do Perfil Discente. **Praia Vermelha** (UFRJ), v. 14-15, p. 198-216, 2007.
9. SIMÕES, Pedro. Religião e Política entre alunos de Serviço Social. **Religião & Sociedade**, v. 27, p. 175-192, 2007.
10. SIMÕES, Pedro. Cursos de Serviço Social no Brasil. **Serviço Social & Realidade**, v. 16, p. 173-192, 2007.
11. SIMÕES, Pedro. Assistentes Sociais na Virada do Milênio (1996-2006). **Debates Sociais**, v. 67-68, p. 37-66, 2007.
12. SIMÕES, Pedro. Religião, Espiritualidade e Assistência Social. **Tanatologia e Subjetividades**, v. 1, 2006.

4. Novos Ares, Velhos Dilemas¹³



No início de 2011 (fevereiro) minha esposa foi transferida da UFRJ para a UFSC. Imediatamente solicitei minha lotação provisória para a mesma universidade na condição de “acompanhamento de cônjuge”. Esse processo demorou um ano (o ano de 2011), sendo a lotação publicada em Diário Oficial em novembro. Inicialmente, minha lotação foi na UFSC, mas fui localizado no Departamento de Serviço Social, o que me proporcionou reviver antigos dilemas.

Antes, porém, de tratar os “antigos dilemas” é preciso analisar a nova posição em que me encontrava. O Departamento de Serviço Social da UFSC era composto, no geral, por docentes que eu não conhecia. Assim, também, no Rio de Janeiro, eu já havia constituído uma rede de relações e trabalho tanto dentro quanto fora do serviço social. A pesquisa com alunos, por exemplo, me tornou conhecido nas universidades públicas e privadas. Os trabalhos no Iser e de assessoria estatística me colocaram em espaços profissionais fora do âmbito acadêmico. Os quatro financiamentos que obtive da FAPERJ me colocavam como um pesquisador fluminense.

Agora em Florianópolis era preciso recompôr as redes para dentro e para fora da universidade. No entanto, com um elemento diferenciador: na UFSC minha posição não é a do servidor local, mas de um “provisório”. Assim, várias atividades me são vedadas, como ter um núcleo de pesquisas próprio, representar a UFSC ou ser membro de banca de concurso (para professor efetivo), por exemplo. Com isso, minhas atividades, principalmente administrativas ficaram mais reduzidas, como se poderá observar.

O principal dilema vivenciado com a vinda para a UFSC foi de voltar a lecionar disciplinas do Serviço Social, o que já não o fazia há alguns anos

¹³ A referência da foto do livro: Garantindo Direitos?: o atendimento socioeducativo no Estado de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC / Pró-Reitoria de Extensão, 2012.

(ministrei a disciplina Serviço Social e Seguridade Social) . Na UFRJ, o Serviço Social era uma “Escola”, composta por três departamentos que cobriam praticamente toda a grade disciplinar dos cursos. Já na UFSC, o curso resume-se a um departamento que deve dar conta, somente, de suas disciplinas.

O fato é que eu já não me identificava mais com os autores e com a discussão endógena da profissão. Além disso, fui identificado pelos meus pares como aquele que criticava a trajetória marxista que a profissão havia seguido. Assim, permaneci no Departamento o tempo suficiente para perceber que não poderia contar com meus colegas para o desempenho das minhas atividades docentes. Não era escalado para fazer parte de comissões ou de bancas. Sem que ninguém me dissesse, percebi que ali não era mais o meu lugar. Nesse sentido, revivi as dificuldades integrativas que já havia experimentado no Escola de Serviço Social da UFRJ.

Se houve, entretanto, um elemento a ser considerado nessa rápida experiência pelo Departamento de Serviço Social da UFSC foi a minha aproximação com a equipe de serviço social do Departamento de Administração Socioeducativa de Santa Catarina (DEASE-SC). Estes agentes, liderados pela assistente social Neylen Junckes, já haviam tentado se aproximar dos docentes da UFSC para trabalhos de extensão. No entanto, não obtiveram acolhida dos mesmos.

Quando cheguei a UFSC, esta equipe me convidou para assessorá-los (70), tão logo tomaram conhecimento do trabalho que eu havia realizado sobre assistência religiosa no sistema socioeducativo. A assessoria envolveu a sistematização de um material de pesquisa elaborado pelo próprio DEASE para um diagnóstico da realidade das unidades de internação do Estado. Além disso, formamos um grupo de estudos para qualificar os agentes que atuavam no DEASE (71) em que uma das atividades foi um cine-debate (72), outra foi a organização de um mini-curso “Privação de Liberdade e Socioeducação”, durante o Evento Comemorativo ao dia do Assistente Social (73) e um outro minicurso na 11a. Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX), com o título “Justiça e Socioeducação” (74). Por fim, consegui verba, junto a Pró-

Reitoria de Extensão da UFSC para publicar o relatório de pesquisa, decorrente da análise dos dados realizada (imagem do início dessa sessão).

Nesse mesmo período, a pesquisa sobre os assistentes sociais a partir dos dados das PNADs foi publicada em forma de livro, em 2013, sob o título “Assistentes Sociais no Brasil: um estudo a partir das PNADs”. Esta publicação foi viabilizada através do edital de editoração da FAPERJ e foi, uma vez mais, produzida pela editora E-Papers.

Embora este livro tenha vindo a lume durante minha passagem pelo Departamento de Serviço Social da UFSC, seu impacto não alterou a representação que eu tinha ante o departamento, ao contrário, reforçou a identidade de um pesquisador “empiricista”, “quantitativista”, trazendo uma abordagem não-marxista e divergente daquela estabelecida pelo *mainstream* institucional. Os resultados desse livro foram apresentados na SEPEX do ano 2012, sem que houvesse qualquer interesse por parte do corpo docente da instituição (75).

Ante todas essas experiências, a única alternativa acadêmica viável naquele momento era buscar abrigo em outro espaço institucional de modo a que fosse possível dar continuidade à minha trajetória profissional. A partir deste momento, busquei o Departamento de Sociologia Política, inicialmente, na figura da Professora Lígia Luckman, então chefe do departamento. Assim, no ano de 2013 iniciei uma nova etapa em minha carreira que será analisada no próximo item.

De todo modo, esta passagem, ainda que rápida, pelo Departamento de Serviço Social da UFSC, não foi de imobilismo. Tive o lançamento do livro sobre o perfil profissional dos assistentes sociais, a realização da parceria com o DEASE/SC, ingressei na pós-graduação, participando de uma banca para ingresso no mestrado (76), mas sem oportunidade de ministrar uma disciplina e de orientar, busquei estabelecer algumas parcerias com núcleos de pesquisa existentes, embora não tenha tido logrado êxito; participei de uma banca para professor substituto (77) e fui indicado para compôr o colegiado do curso de serviço social (78), mas como esta indicação ocorreu no final de 2012, quando já estava buscando migrar para o Departamento de Sociologia Política, de fato,

não exerci este mandato. Portanto, foi um tempo de continuidade e passagem, sem que eu pudesse consolidar claramente uma agenda de trabalho.

Neste período não deixei de participar de eventos decorrentes dos trabalhos passados e dos que estava desenvolvendo. Ainda no final de 2011 participei do debate “Em Nome do Sagrado”, da série Justiça e Pensamento, organizado pelo Centro Cultural Justiça Federal, no Rio de Janeiro (79). Em 2012, apresentei trabalho no 7o. Encontro da Associação Nacional de Direitos Humanos, Pesquisa e Pós-Graduação, com trabalho sobre religião e socioeducação (80); ministrei uma palestra no curso de “Formação para colaboradores dos Centros de Atendimento Socioeducativo Provisório e Casas de Semiliberdade”, organizado pela Secretaria de Estado de Justiça e Cidadania (SC) (81); realizei uma comunicação na I Jornada de Grupos de Pesquisa da Associação Lationamericana de Ciência Política, no grupo Religião e Política, organizado pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ) (82), igualmente, participei do IV Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa: Adolescência e Conflitualidade, promovido pela Universidade Bandeirante de São Paulo (83).

Neste período, dei continuidade aos trabalhos de assessoria aos grupos do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, trabalhando tanto com o Laboratório de Pesquisa em Consciência da Demência, quanto o Grupo de Estudos do Déficit de Atenção, além de prestar consultoria “ad hoc” a Coordenadoria de Pesquisa da Universidade Norte do Paraná (84). Por fim, mas não menos importante, fui parecerista para as revistas: Revista Sociais e Humanas (Universidade Federal de Santa Maria) (85), Em Pauta (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) (86), Aging and Mental Health (publicado pela Taylor & Francis) (87) e passei a fazer parte do Conselho Editorial da revista Comunicações do ISER (88).

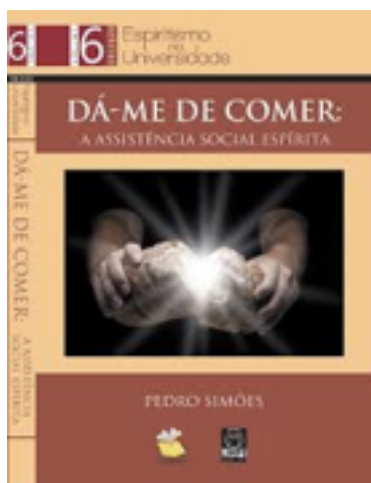
Neste período tive 2 orientações (TCC), participei de 7 bancas (1 professor substituto, 4 TCCs, 1 dissertação de mestrado e 1 seleção de mestrado) e 6 publicações (2 livros e 2 artigos).

Artigos Publicados no Período:

19. KING, A. L. S. ; VALENÇA, A. M. ; SIMÕES, Pedro ; NARDI, A. E. . Subtipo respiratório versus não respiratório no transtorno de pânico com agorafobia: Avaliação com terapia cognitivo-comportamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica** (UFRGS. Impresso), v. 15, p. 41-47, 2012.

20. SIMÕES, Pedro. Assistência religiosa no sistema socioeducativo: a visão dos operadores do direito. **Religião & Sociedade** (Impresso), v. 32, p. 130-156, 2012.

5. A Sociologia e os dilemas - e agora José?¹⁴



O ingresso no Departamento de Sociologia trouxe o encerramento de algumas discussões e temas, mas colocou, principalmente alguns novos dilemas. Primeiro, todo o empenho na tese da religião no serviço social, ou deveria ser redimensionada, ganhando uma abordagem mais explicitamente referida à sociologia seja das profissões, seja da religião, ou não teria lugar.

Segundo, a própria discussão sobre religião, igualmente, ou deixaria de ser baseada na literatura do serviço social, dando lugar aos clássicos da sociologia das religiões, ou também ficaria fora de contexto. Os debates sobre assistência religiosa e sobre socioeducação haviam se esvaziado por falta de amparo institucional, ou seja, não havia mais interesse e condições para continuidade das pesquisas por parte dos agentes institucionais.

No Iser, outros coordenadores assumiram as pesquisas sobre assistência religiosa. Cheguei a tentar que uma pesquisa específica sobre esse tema fosse realizada no âmbito do DEASE/SC, quando ainda estava no departamento de serviço social, mas não houve interesse institucional. No DEASE/SC, após a conclusão da avaliação institucional, a equipe com quem tinha contato foi desfeita quando mudou a gestão governamental.

Ante esta necessidade de definição e de adoção de uma nova rota de pesquisas, busquei na sociologia da religião um espaço de maior intercessão com o novo corpo docente com quem passei a trabalhar. Minha ideia inicial, depois concretizada em alguma medida, era de contribuir com disciplinas de teoria sociológica e metodologia de pesquisa, como já o fazia na UFRJ, ingressar na pós-graduação, além de buscar consolidar um campo de pesquisas sobre religião.

¹⁴ Referência completa do livro da foto: *Dá-me de Comer: a assistência social espírita*. São Paulo: edição CCDPE / LHIPE, 2015. [Volume 6, Coleção Espiritismo na Universidade].

Submeti um novo projeto de pesquisa ao CNPq, sobre Espiritismo e Assistência Social, sendo financiado através do edital Universal. Em parceria com o Prof. Carlos Sell, ministrei uma disciplina sobre sociologia da religião na pós-graduação e, depois, sozinho na graduação (como optativa). Consegui bolsas de iniciação científica para o trabalho de pesquisa, enfim, criei elementos para que este fosse um novo campo de estudos, neste novo espaço institucional.



Como resultado desses esforços, a pesquisa foi bem sucedida. Consegui uma boa articulação com o movimento espírita¹⁵ da região e consegui que o relatório de pesquisa fosse publicado por uma associação espírita paulista (Liga de Pesquisadores do Espiritismo - LIHPE) que apoia a iniciativa de pesquisas acadêmicas sobre o espiritismo. Apresentei os resultados em vários congressos e na Sepex/UFSC, quando houve o lançamento do livro, sob o título “Dai-me de Comer”.

Neste livro, recuperei e aprofundei o texto apresentado no livro de 2009 que tratava da ação assistencial. Neste novo ensaio, não tratei do tema tendo como parâmetro somente os assistentes sociais (profissionais ou estudantes), mas todos aqueles empenhados na ação assistencial. Incorporei neste novo escrito a importante contribuição de Simmel (O Pobre), ao estabelecer um enfoque relacional, já percebido antes no trabalho de Paugan, na ação assistencial.

Esse aprofundamento foi fundamental para se identificar um conjunto de características que compõe a forma de se fazer assistência, desde que ela se torna uma prática sociologicamente relevante, a partir da constituição da “questão social”. Tendo esse referencial como ponto de partida, o livro abordou tanto os números da assistência social espírita, como o modo como este grupo religioso opera suas práticas.

¹⁵ Foto do vídeo disponível no youtube sobre a pesquisa sobre assistência social espírita. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=5bpLizyY5js&t=310s>

Em minha trajetória no departamento, pude contribuir não apenas com a disciplina que partilhei com o Prof. Sell, mas também com as disciplinas de Teoria Sociológica I e III para o curso de ciências sociais, Sociologia para os cursos de Biblioteconomia e Economia, na pós-graduação, disciplinas sobre pobreza, religião e metodologia, além de seminários de pesquisa. Em 2014, contribuí com a disciplina “Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas” do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), ministrada pelos professores Luiz Fernando Scheibe e Teresa Kleba (89).

Administrativamente¹⁶, fiz parte da Comissão de Acompanhamento e Avaliação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq, no âmbito do CFH/UFSC (90), fui Coordenador de Pesquisa (91), membro da Banca Examinadora para seleção de candidatos a bolsa de Pós-doutorado (PNPD) (92), membro das bancas de seleção de mestrado e doutorado, sendo presidente da seleção de mestrado em 2018/9 (93), membro do colegiado do Curso de Biblioteconomia (94), membro da banca de validação de diploma (95) e da comissão de bolsas (96).



Em 2015 saiu publicado um capítulo de livro, “Historia del Servicio Social en Brasil”, que elaborei, junto com as Profas. Marilena Jamur (PUC-RJ e ESS/UFRJ) e Ana Cristina Brito Arcoverde (Universidade Federal de Pernambuco), ambas docentes do serviço social, sobre a história do serviço social no Brasil. Este foi um projeto desenvolvido pelos professores Tomás F. Garcia (Universidad Nacional de Educación a Distancia - UNED, Espanha) e Rafael L. Garcia (Organización Nacional de Ciegos Españoles (ONCE)) (para

¹⁶ Em alguns casos, a participação estendeu-se para além do que está no comprovante. Aqui desejo tão somente demonstrar os tipos de participação que tive.

compôr uma “história global” do serviço social. O capítulo, começou a ser elaborado em 2012, levando três anos até sua publicação final¹⁷.



No XIV Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História da Religião (ABHR) de 2015, apresentei o resultado da pesquisa sobre assistência social espírita (97) e conheci o Prof. André Ricardo de Souza, coordenador do Núcleo de Estudos da Religião, Economia e Política da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A partir desta articulação propusemos uma mesa de debates sobre o espiritismo no evento da Associação Brasileira de História das Religiões de 2016 junto aos professores Célia Torres, autora do livro “Afinal, o Espiritismo é religião?”, e do pesquisador Rodrigo Toniol (havia sido assistente de pesquisa na pesquisa que coordenei no Iser, assessorando o Prof. Emerson Giumbelli no trabalho de campo no Rio Grande do Sul) (98). O resultado desta mesa foi a organização de um livro, sob o título “Espiritualidade e Espiritismo”¹⁸. Esse livro, em forma de coletânea de artigos em formato de capítulos, não trouxe uma reflexão nova, mas apresentei, em novo formato, reflexões sobre assistência social espírita.

Aproveitando os resultados da pesquisa sobre assistência social espírita propus, em 2015, a realização de um pós-doutorado em Portugal. No entanto, essa proposta foi realizada na transição entre o governo Dilma Roussef e o governo Temer, quando houve um contingenciamento das contas da CNPq e os editais para pós-doutorado foram suspensos. Por motivos pessoais, não foi possível reapresentá-lo. De todo modo, o projeto visava uma ampliação do debate sobre assistência social no espiritismo, incorporando uma base comparativa com a experiência portuguesa.

¹⁷ Garcia, T. F. e Garcia, R. L. (Orgs). Trabajo Social: una historia global. Espanha: McGraw-Hill, 2015. O capítulo publicado foi o 3. Historia del Servicio Social en Brasil.

¹⁸ Souza, A. R., Simões, P. e Toniol R. Espiritualidade e Espiritismo: reflexões para além da religiosidade. São Paulo: Porto de Ideias, 2017.

Todo o trabalho realizado com a pesquisa sobre o Espiritismo fez com que me fosse feito o convite para integrar o NEREP (99). Assim também, a consolidação da parceria com o núcleo de pesquisa da profa. Marcia Dourado, do IPUB, fez com que eu fosse convidado a, não só, assessorar alguns trabalhos de pesquisa, mas a integrar o grupo de pesquisa (100).

A vinda para o Departamento de Sociologia Política me possibilitou o ingresso na pós-graduação e ter as primeiras experiências de orientação nesta instância, tendo um aluno de mestrado com trabalho concluído e dois em andamento (um com projeto já qualificado). Além disso, ingressei em várias bancas de seleção de mestrado e doutorado, bem como, de qualificação e avaliação de trabalhos.

Além das parcerias acima mencionadas, outras foram formadas, possibilitando a concretização do objetivo do Laboratório de Dados Sociais de assessorar diferentes iniciativas de pesquisa quantitativa. Assim, foi estabelecida uma parceria com o “Palácio da Memória” para acompanhamento de jogadores de xadrez (101). O “Palácio” é um grupo de professores de xadrez que dão aulas para crianças e as estimulam a participar de campeonatos. O trabalho estatístico consistia em avaliar o desempenho de cada um dos alunos participantes no conjunto dos campeonatos que cada um disputou. Este trabalho teve a duração de um ano.

Outra parceria foi estabelecida com a AktionPaz, uma academia de ginástica e de cinesiologia. Esta instituição trabalha, entre outras coisas, com a recuperação de skatistas lesionados. O trabalho estatístico aqui consistia em uma avaliação da condição do tornozelo desses skatistas (dorseflexão), em um estudo com um grupo controle. Este estudo foi realizado em dois momentos, sendo o primeiro em 2018 (102) e o segundo em 2019 (103). Os resultados encontrados podem dar ensejo a três artigos, sendo que o primeiro está em fase de conclusão.



Uma outra oportunidade se apresentou pelo convite da equipe de assistentes sociais do Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina para a organização de três workshops sobre

elaboração de projetos de pesquisa (104). Este trabalho visava qualificar a equipe para a elaboração de projetos de pesquisa na área da “adoção tardia”, ou seja, de crianças e adolescentes que, por terem mais idade, têm dificuldades em serem adotados. Os assistentes sociais trabalham em comarcas no estado. Assim, o trabalho contribuiu para a elaboração de sete projetos que deverão ter seus trabalhos de coleta de dados neste ano de 2020. Além disso, já há um acordo de continuidade do trabalho em 2020 para supervisão dos instrumentos que serão utilizados e para a análise dos dados.

Durante os seis anos que estive no departamento de sociologia política tive a oportunidade de participar de diversos eventos, entre os quais destaco:

- * convites de outras universidades para tratar do tema da religião, como ocorreu em 2014, em resposta ao convite do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (105) e da PUC-RJ, em 2016 (106);
- * contribuição com trabalhos na área da psiquiatria, como no XVI World Congress of Psychiatry, realizado em 2014, em Madri (ES) (107);
- * apresentação de trabalho no Congresso Brasileiro de Sociologia (2015 e 2017) (108 e 109) e no III Seminário Internacional Socioeducativo, promovido pelo Novo DEGASE e pela Universidade Federal Fluminense (110).
- * apresentação de trabalhos em eventos organizados pelo movimento espírita, como o Seminário de Assistência Social e Movimento Espírita, organizado pelo Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro (RJ), em 2016 (111), o II Curso de Capacitação para trabalhadores da Assistência e Promoção Social Espírita, em 2017, organizado pela Federação Espírita Catarinense (112) e o evento, “Ponto de Encontro da Assistência Social”, da Federação Espírita do Distrito Federal, em 2019 (113);
- * assessoria a instituições, como à Pastoral do Menor, discutindo o tema da assistência religiosa, em 2015 (114), ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, em que participei de uma reunião técnica sobre assistência religiosa no sistema prisional, em 2017 (115), e à Fundação da Criança e do Adolescente da Bahia (FUNDAC), em 2018 (116).

Em meio a estas atividades extensionistas, organizei uma pesquisa sobre assistência social, buscando ainda resgatar um elemento que já havia sido identificado nas pesquisas sobre assistentes sociais, mas que não havia sido devidamente qualificado: o registro dos assistentes sociais tanto nas PNADs quando no Censo Demográfico acusam a existência de profissionais com nível superior e com nível técnico. Como não há uma praxe acessar os dados censitários para se obter dados sobre assistentes sociais, o Conselho Federal de Serviço Social e demais instituições reguladoras da profissão no Brasil, não estão informados sobre a forma como o serviço social é registrado na Classificação Brasileira de Ocupações. Estas instituições lutam pelo fechamento profissional e a atribuição exclusiva dos serviços sociais aos assistentes sociais formados e registrados nos conselhos da categoria. A pergunta, que foi respondida em um artigo que se encontra no prelo (117), era: quem são estes “outros” assistentes sociais e quais as distinções entre uns e outros.



Em 2018 recebi da Federação Espírita Catarinense (FEC) dados sobre assistência social coletados a partir de um censo, realizado em 2017, desenvolvido pela própria federação. Por ter sido uma iniciativa do próprio movimento espírita, o número de instituições respondentes ao censo foi bem mais significativo do que aquele atingido pela pesquisa de 2015. Com base nestas informações foi possível confirmar e ampliar a percepção obtida na primeira investigação. Os resultados deste trabalho foram divulgados na no congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia de 2019 e o texto final da análise será publicado no livro Dimensões Identitárias e Assistenciais do Espiritismo que está no prelo (118), em que divido os textos com o professor André Ricardo de Souza.

A publicação deste livro, em forma de coletânea de artigos, teve a intenção de consolidar os estudos que desenvolvi sobre o espiritismo. Com a parceria com o Prof. André, houve uma complementação do material, em que pudemos tratar tanto das questões relativas à identidade espírita, quanto de suas práticas assistenciais.

Em 2019 recebi da FEC os dados completos do Censo de 2018 para serem analisados. Eles trazem todas as atividades desenvolvidas pelos centros espíritas do estado de Santa Catarina, único estado que desenvolveu uma metodologia de pesquisa sobre suas próprias atividades. Os dados foram sub-analisados pelos membros da FEC e tem um enorme potencial de revelar o que são e como funcionam os centros espíritas. Não há pesquisa similar já realizada no Brasil. Portanto, trata-se de uma oportunidade a ser desenvolvida a partir de 2020.

A FEC já disponibilizou os arquivos com as informações brutas que precisam ser trabalhadas para uma futura análise. Desse modo, a proposta de sequência para os estudos da religião e assistência contempla a viabilização desta pesquisa, integrando alunos, via bolsa de iniciação científica, e mantendo a parceria com o Prof. André Ricardo de Souza.

As iniciativas de pesquisa sobre espiritismo acarretaram no convite para compor o Comitê de Pesquisa na área de Sociologia da Religião da Sociedade Brasileira de Sociologia a partir de 2020 (119).

Nestes anos também tive a oportunidade de emitir pareceres para várias revistas, além daquelas que já habitualmente tinha emitido alguma avaliação. Entre as novas, posso citar: Religião e Sociedade (120), Debates do NER (121), Sociedade em Debate (122), Ser Social (123), Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas (124) e parecerista *ad hoc* no processo avaliativo ao Edital DPG/DPI N° 03/2019, destinado à publicação de livros, no âmbito da Pós-Graduação da Universidade de Brasília (125).

Neste período orientei 17 trabalhos (5 monitorias, 2 iniciações científicas, 6 TCCs, 1 especialização, 3 mestrado), participei de 25 bancas (9 TCCs, 2 seleção de mestrado, 3 seleção de doutorado, 3 qualificação de mestrado, 3 qualificação de doutorado, 3 mestrado e 2 doutorado) e 34 publicações (2 livros, 4 capítulos, 27 artigos e 1 artigo em jornais e revistas).

Artigos publicados no Período:

1. DOURADO, M. C. N.; TORRES, B.; SIMÕES, P.; ALVES, G.; ALVES, C. Facial Expression Recognition Patterns in Mild and Moderate Alzheimer's Disease. **Journal of Alzheimers Disease**, v. 69, p. 539-549, 2019.
2. ZUCCO, L. P.; SIMÕES, Pedro; DAROSCI, M. Violência Sexual e Assistência À Saúde: Quando O Homem Sofre A Agressão. **Saberes Plurais**, v. 31, p. 85-96, 2019.
3. KIMURA, N. R. S. ; SIMÕES, P.; SANTOS, R. L.; BAPTISTA, M. A. T.; PORTUGAL, G.; JOHANNESSEN, A.; BARCA, M. L.; ENGEDAL, K.; LAKS, J.; RODRIGUES, V. M.; DOURADO, M. Resilience in Carers of People With Young-Onset Alzheimer Disease. **Journal of Geriatric Psychiatry and Neurology**, v. 32, p. 59-67, 2019.
4. BAPTISTA, M.; SANTOS, R.; KIMURA, N.; MARINHO, V.; SIMÕES, P.; LAKS, J.; JOHANNESSEN, A.; BARCA, M.; ENGEDAL, K.; DOURADO, M. Differences in Awareness of Disease Between Young-onset and Late-onset Dementia. **Alzheimer Disease & Associated Disorders**, v. 1, p. 1, 2019.
5. SOUSA, M.; SANTOS, R.; SIMÕES, P.; CONDE-SALA, J.; DOURADO, M. Discrepancies Between Alzheimer's Disease Patients' and Caregivers' Ratings About Patients' Quality of Life. **Alzheimer Disease & Associated Disorders**, v. 1, p. 1, 2018.
6. KIMURA, N.; BAPTISTA, M.; SANTOS, R.; PORTUGAL, M.; JOHANNESSEN, A.; BARCA, M.; ENGEDAL, K.; LAKS, J.; SIMÕES, P.; RODRIGUES, V.; DOURADO, M. Caregivers' Perspectives of Quality of Life of People With Young- and Late-Onset Alzheimer Disease. **Journal of Geriatric Psychiatry and Neurology**, v. 31, p. 76-83, 2018.
7. LACERDA, I.; SANTOS, R.; BELFORT, T.; SIMÕES, P.; DOURADO, M. Patterns of discrepancies in different objects of awareness in mild and moderate Alzheimer's disease. **Ageing & Mental Health**, v. 1, p. 1-8, 2018.
8. SOUZA, A. R. ; SIMÕES, P. Desafios do trabalho assistencial espírita: dois modelos de atuação. **Rever: Revista de Estudos da Religião**, v. 17, p. 123-145, 2017.
9. SANTOS, R.; SOUSA, M.; SIMÕES, P.; BERTRAND, E.; MOGRABI, D.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J.; LAKS, J.; DOURADO, M. MacArthur Competence

Assessment Tool for Treatment in Alzheimer disease: cross-cultural adaptation. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria** (Online), v. 75, p. 36-43, 2017.

10. SIMÕES, Pedro. A concepção dos espíritas sobre assistência social. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, v. 53, p. 158-168, 2017.

11. LACERDA, I.; SANTOS, R.; SIMÕES, P.; DOURADO, M. Factors Related to Different Objects of Awareness in Alzheimer Disease. **Alzheimer Disease & Associated Disorders**, v. 31, p. 335-342, 2017.

12. SIMÕES, Pedro. Identidade Espírita no Brasil e em Portugal: uma comparação institucional. **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, v. 8, p. 95-118, 2017.

13. NOGUEIRA, M.; SIMÕES, P.; SOUSA, M. ; SANTOS, R.; LACERDA, I.; BAPTISTA, M.; DOURADO, M. . Perception of change in sexual activity in Alzheimer's disease: views of people with dementia and their spouse-caregivers. **International Psychogeriatrics** (ONLINE), v. 29, p. 185-193, 2017.

14. BELFORT, T.; SIMÕES, P.; SOUSA, M.; SANTOS, R ; BARBEITO, I.; TORRES, B.; DOURADO, M . The Relationship Between Social Cognition and Awareness in Alzheimer Disease. **Journal of Geriatric Psychiatry and Neurology**, v. 1, p. 089198871774358, 2017.

15. SIMÕES, Pedro; SOUZA, ANDRÉ RICARDO DE ; ARRIBAS, C. G. . Feições expressivas do movimento espírita brasileiro. **Religare**, v. 14, p. 28-59, 2017.

16. SPEAR KING, A.; GUEDES, E.; SIMÕES, P.; GUIMARAES, F.; NARDI, A. Nomophobia: Clinical and Demographic Profile of Social Network Excessive Users. **Journal of Addiction Research & Therapy**, v. 08, p. 1-6, 2017.

17. LEVITAN, M.; PAPELBAUM, M.; SOARES, G.; SIMÕES, P.; ZUGLIANI, M.; FREIRE, R.; MOCHCOVITCH, M.; NARDI, A.. **Agomelatine in Panic Disorder. Journal of Clinical Psychopharmacology**, v. 36, p. 395-396, 2016.

18. DOURADO, M.; SOUSA, M.; SANTOS, R.; SIMÕES, P. ; NOGUEIRA, M.; BELFORT, T.; TORRES, B.; DIAS, R.; LAKS, J. Quality of life in mild dementia: patterns of change in self and caregiver ratings over time. **Revista Brasileira de Psiquiatria** (Sao Paulo.1999.Impresso), v. 38, p. 294-300, 2016.

19. DIAS, R.; SIMÕES, P.; SANTOS, R.; SOUSA, M.; BAPTISTA, M.; LACERDA, I.; KIMURA, N.; DOURADO, M. Caregivers' resilience is independent from the clinical symptoms of dementia. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 74, p. 967-973, 2016.
20. TORRES, B.; SANTOS, R.; SOUSA, M.; SIMÕES, P.; NOGUEIRA, M.; BELFORT, T.; DIAS, R.; DOURADO, M. Facial expression recognition in Alzheimer's disease: a longitudinal study. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria** (Online), v. 73, p. 383-389, 2015.
21. BELFORT, T.; BRAMHAM, J.; SIMÕES, P.; SOUSA, M.; SANTOS, R.; NOGUEIRA, M.; TORRES, B.; ROSA, R.; DOURADO, MARCIA C. Cross-cultural adaptation of the Social and Emotional Questionnaire on Dementia for the Brazilian population. **Sao Paulo Medical Journal**, v. 133, p. 358-366, 2015.
22. SIMÕES, P.; SOUSA, M.; SANTOS, R.; NOGUEIRA, M.; BELFORT, T.; ROSA, R.; TORRES, B.; MOGRABI, D.; LAKS, J.; DOURADO, M. Awareness of Disease is Different for Cognitive and Funcional Aspects in Mild Alzheimer's Disease. **Journal of Alzheimer's Disease**, v. 43, p. 905, 2015.
23. SIMÕES, Pedro. Compreendendo a Ação Assistencial. **Política & Sociedade** (Online), v. 14, p. 102, 2015.
24. SIMÕES, Pedro. Garantindo Direitos: um estudo do sistema socioeducativo em Santa Catarina. **Política & Sociedade** (Impresso), v. 13, p. 11-34, 2014.
25. SANTOS, R.; SOUSA, M.; SIMÕES, P.; NOGUEIRA, M.; BELFORT, T.; TORRES, B.; ROSA, R. LAKS, J.; DOURADO, MARCIA C. Caregivers' quality of life in mild and moderate dementia. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria** (Impresso), v. 72, p. 931-937, 2014.
26. NOGUEIRA, M.; SIMÕES, P.; SOUSA, M.; SANTOS, R.; ROSA, R.; BELFORT, T.; TORRES, B.; DOURADO, M. Spouse-caregivers' quality of life in Alzheimer's disease. **International Psychogeriatrics**, v. 1, p. 1-9, 2014.
27. SOUSA, M.; SANTOS, R.; ARCOVERDE, C.; SIMÕES, P.; BELFORT, T. ; ADLER, I. ; LEAL, C. ; DOURADO, M. Quality of life in dementia: the role of non-cognitive factors in the ratings of people with dementia and family caregivers. **International Psychogeriatrics**, v. 1, p. 1-9, 2013.

6. Considerações

Após a síntese das atividades por mim realizadas ao longo de minha trajetória acadêmica, é preciso reafirmar que nem tudo foi apresentado. Privilegiou-se a demonstração de minha efetiva participação em atividades de ensino, orientação, pesquisa, administração e extensão. Foi exatamente esta “efetiva participação” que me proporcionou não perder nenhuma oportunidade de ascensão funcional, dentro do tempo regularmente estabelecido pela legislação.

Pode-se observar, entretanto, que a trajetória construída privilegiou o aproveitamento das oportunidades obtidas, dentro de uma linha investigativa: o enfoque na ação assistencial, seja na assistência social, seja na assistência religiosa. Além disso, buscou-se dar curso ao objetivo inicial do “Laboratório de Dados Sociais” de ser um espaço de assessoria estatística na área das ciências sociais. Desse modo, não deixei de atender às propostas que me foram realizadas para contribuir com análises em trabalhos que, de fato, não tinham uma relação direta com as pesquisas que desenvolvia.

A saída do âmbito do serviço social permitiu-me ampliar as pesquisas e assessorias que desempenhei sem, contudo, olvidar a contribuição para área. Assim, o trabalho com o Tribunal de Justiça, em que contribuo com a pesquisa de assistentes sociais é um exemplo a ser apresentado; outra contribuição está no convite que recebi da revista Katalisys - da pós-graduação de serviço social da UFSC - para escrever um artigo sobre a importância da religião para o serviço social.

Ainda restando, pelo menos, mais 12 anos de atividade docente, as possibilidades de desdobramento e ampliação das atividades até aqui realizadas são evidentes, em todos os âmbitos de minha atuação como docente.

Assim, essa história termina por aqui, mas a vida continua e se desdobra, como um “mar sem fim”.